



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12289 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

Cuidados e a luta por teto em São Paulo: o que aprendemos com avós de Ocupações?

Marcia Gobbi - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - FEUSP

Cuidados e a luta por moradia em São Paulo: o que aprendemos com avós de Ocupações?

As relações entre mulheres-avós e crianças parece-nos óbvia devido a certa naturalização concernente às suas presenças em diferentes contextos familiares, ora mais, ora menos próximas às crianças.

A partir de pesquisas que intentam relacionar crianças e mulheres em processos de luta por moradia na cidade de São Paulo *Imagens de São Paulo: moradia e luta em regiões centrais e periféricas da cidade a partir de representações imagéticas criadas por crianças moradoras em ocupações* (Fomento: FAPESP, 2017); *Crianças e Mulheres em Luta por Moradia: Na Lida Cotidiana, as Escolas Frequentadas e Representadas* (IEA-USP) sob a responsabilidade de Marcia Aparecida Gobbi (USP) e *Famílias em luta por moradia e as instituições de Educação Infantil e Ensino Fundamental da cidade de São Paulo: entre a segregação e o acolhimento* (Fomento: CAPES, 2019) Cleriston Izidro dos Anjos (UFAL); nos deparamos com a presença marcante de avós na lida diária de cuidados às crianças, netas sendo elas parentes consanguíneas ou não.

Ao longo das pesquisas, algumas perguntas surgiram e orientaram percepções sobre as relações vistas: Em que medida a presença de avós idosas, e nem tanto, cuidadoras de seus netos e netas podem nos informar sobre lutas por moradia e usos da cidade? O que é possível pensar sobre as relações de cuidado e qual sua importância no cotidiano de luta por moradia? O que elas nos informam sobre cuidados e a ausência deles?

Neste trabalho, pretende-se desenvolver reflexões que nos aproximem da compreensão de que a presença das avós produz e força suas próprias presenças na cidade, ainda que de

modo emblemático, repercutindo a luta pelo direito à cidade e a moradia e o que dela deriva. Trata-se de uma presença física que, ao sair de sua moradia, provoca algum pensamento sobre as condições em que constroem e consolidam suas lutas e vidas. Marca a cidade e, de algum modo, lhe exige reparação a partir das cicatrizes que fazem lembrar que as lutas obrigatoriamente têm que acontecer. Soma-se a isso as perspectivas de gênero e cuidado que relacionam-se com a infância, e neste caso, todas em luta por moradia, dentro de movimentos sociais, o que lhes confere algumas práticas distintas que vale conhecer e com as quais podemos aprender. As tensões e diferentes composições do cuidado tomam rumos diversos a cada sociedade e tempo histórico. Helena Hirata em seu recém lançado livro “O cuidado: teorias e práticas”, ao relacionar Brasil e Japão, demonstra preocupações concernentes ao envelhecimento da população em cruzamento com a massiva presença de mulheres cuidadoras. Importantes reflexões produzidas pela socióloga e que permitem outras em acordo com o contexto e as condições de produção desses cuidados, não por cuidadoras especificamente, mas por quem cuida de netas e netos, crianças variadas como avós, em condições precárias de vida e sem qualquer fonte de renda.

Nas pesquisas mencionadas observou-se que as avós ocupam um lugar bastante destacado nas relações estabelecidas dentro das Ocupações, resultante da luta por moradia, sendo elas que cuidam diariamente de seus netos e suas netas, ao mesmo tempo em que trabalham, em sua maioria informalmente, e participam de reuniões e assembleias existentes na rotina destas moradias e movimentos sociais, dessa observação partimos para a escrita deste capítulo. Os critérios usados para a escolha foram a evidente relação com netos e netas, ser chefia da família, estarem disponíveis para entrevistas e conversas soltas ao longo da pesquisa de campo. Suas vidas e detalhes contados em entrevistas nos permitem pensar sobre as diferentes relações das quais fazem parte cotidianamente e os efeitos em suas vidas que nos remetem a refletir sobre diferentes formas de usos da cidade. Cientes de que não incorremos ao erro de fazer generalizações, as conversas e observações foram fios condutores para o entendimento da vida vivida e construída cotidianamente por essas mulheres e que compõem algo maior junto à vida em luta por moradia na cidade de São Paulo. Vale informar que as observações estão anotadas em cadernos de campo aos quais foi possível recorrer para compor alguns trechos deste capítulo e foram consentidas pelas participantes e pelo movimento social do qual fazem parte.

Ao longo do tempo as mulheres foram reconhecidas nos papéis de avós e mães. Contudo, o que é possível observar é que as avós moradoras de Ocupação demonstram e produzem outras práticas com as crianças e entre elas e a cidade a partir de seus atos. Ao mesmo tempo em que proíbem que seus/suas netos/as andem pelas ruas da região central, criam uma rede de afetos e colaborações em que têm centralidade, junto a isso, e talvez por isso, vão para a frente de luta fazer a festa ^[1] em momento de ocupação de edifícios e terrenos. Os cuidados são fundamentais e carecem de maiores compreensões. A avó é um agente que, em alguma medida, tem o poder de fazer viver, mesmo sendo ela, talvez, uma das que podem morrer, não apenas pela condição etária, mas econômica e de raça. Seu corpo não

é o corpo inútil como tantas vezes definido, explícita ou implicitamente, no capitalismo. Diante de tantas agruras produzem relações de cuidados que são fundamentais, não apenas para a manutenção da casa almejada e onde se vive, mas da cidade de modo mais amplo, já que ordenam práticas sociais, as conservam e produzem outras.

Parte das referências para compreensão encontra-se nas avós e nas relações mantidas com as crianças, seus netos e suas netas, nas dimensões cotidianas em que estão relacionadas à vida sob um Estado que não cumpre suas funções de proteção aos cidadãos e cidadãs e os/as inserem no universo limítrofe entre o legal e o ilegal e na experiência da precariedade social e do trabalho em diferentes modos e a dimensão de ordem subjetiva em que angústias, medos e inseguranças atuam na base e na regulação das relações de cuidado.

Este trabalho não pretende ser conclusivo, mas apresentar contribuições para pensarmos sobre luta por moradia, cotidiano, cidade, geração, avós e cuidados em diálogo com diferentes campos e com a educação especialmente.

[1] Festa é a denominação corrente entre os movimentos sociais para o momento de ocupação de um terreno ou edifício que não cumpre a função social da moradia.